



REBENA
Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

ISSN 2764-1368

Volume 7, 2023, p. 263 - 275

<https://rebena.emnuvens.com.br/revista/index>

A saúde mental do professor durante a pandemia COVID - 19

Text comprehension strategies applied in the assessment of Portuguese language teaching

Maria do Perpétuo Socorro de Souza Lima¹

Submetido: 25/06/2023 Aprovado: 31/08/2023 Publicação: 14/09/2023

RESUMO

Desde a pandemia do COVID-19, muitas mudanças ocorreram em todo o mundo. Uma das mais importantes envolveu o setor educacional, já que as escolas foram fechadas fisicamente, e as aulas foram adaptadas para ambientes virtuais que garantiram a continuidade do aprendizado. No entanto, este processo de transição gerou um impacto na saúde mental de toda a comunidade educativa. Os professores tiveram que enfrentar novos desafios não só acadêmicos mas também emocionais, conciliando as suas atividades de trabalho com as pessoais, ao mesmo tempo, eles foram imersos em um processo de treinamento contínuo, que exigia mais horas de trabalho e, portanto, maior carga de trabalho. Os efeitos psicológicos gerados pela pandemia foram diversos, alguns são sintomas novos, e outros poderiam exacerbar patologias mentais anteriores. Intervenções em saúde mental foram indispensáveis e as estratégias para reduzir e lidar com esses efeitos deveriam ser baseadas nas realidades locais, nas particularidades do individual e as recomendações das evidências científicas.

Palavras-chave: Ensino. Pandemia COVID-19. Saúde mental

ABSTRACT

Since the COVID-19 pandemic, many changes have taken place around the world. One of the most important involved the education sector, as schools were physically closed and classes were adapted to virtual environments that ensured continuity of learning. However, this transition process had an impact on the mental health of the entire educational community. Teachers had to face new challenges, not only academic but also emotional, reconciling their work activities with personal ones, at the same time, they were immersed in a continuous training process, which required more hours of work and, therefore, a greater load. of work. The psychological effects generated by the pandemic were diverse, some are new symptoms, and others could exacerbate previous mental pathologies. Interventions in mental health were indispensable and strategies to reduce and deal with these effects should be based on local realities, individual particularities and the recommendations of scientific evidence.

Keywords: Teaching. COVID-19 pandemic. Mental health.

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Universidad De La Integración De Las Américas no Paraguay.

1. Introdução

Antes da pandemia, o sistema educacional mundial já passava por uma grave crise. Cerca de 238 milhões de crianças e adolescentes em idade escolar estavam fora das instituições de ensino, e a qualidade do ensino era baixa, pois os escolares aprendiam pouco.

Durante a pandemia do COVID-19, muitos governos ao redor do mundo decidiram fechar fisicamente as instituições de ensino. O fechamento simultâneo de escolas representou a crise mais importante de nosso tempo no sistema educacional. Esta foi uma decisão que impactou cerca de 1,4 bilhões de estudantes em todo o mundo. No entanto, esforços foram feitos para continuar aprendendo por meio da modalidade virtual.

Embora estudos recentes tenham relatado que o fechamento de escolas evitaria apenas 2% a 4% das mortes, os problemas associados ao confinamento poderiam afetar toda a comunidade educativa. Muitas pessoas experimentaram mudanças substanciais em sua vida devido à crise de saúde, que inclui mudanças em seu emprego e situação econômica e cancelamento de eventos pessoais importantes.

Outros indivíduos poderiam apresentar alterações expressas em sintomas psicológicos, alguns deles novos, e outros exacerbados em casos pré-existentes. Os docentes não estavam isentos dos efeitos que a pandemia poderia ter na sua saúde mental, porque se somaram vários fatores que os tornaram um grupo populacional suscetível; como o aumento de responsabilidades e demandas de trabalho, a maior exigência de tempo para preparar suas aulas, garantindo conexões adequadas, acompanhamento de seus alunos, a necessidade de mais tempo para aprender e explorar as diferentes plataformas e ter critérios para tomada de decisão sobre seu uso.

Muitos desses professores não estavam qualificados para essa transição. Este despreparo deve-se a vários motivos, por exemplo, o fato de nem todos os agregados familiares estarem preparados para a utilização dos requisitos técnicos relacionados com a utilização das tecnologias de informação e comunicação e nem sempre ser possível manter um ambiente confortável para teletrabalho.

Às vezes foi necessária uma carga horária maior devido às dificuldades de adaptação do profissional ou do aluno, devido ao isolamento e distanciamento social. Além disso, estando em casa, o professor também deveria lidar com diversos outros fatores, como a presença de mais pessoas no mesmo espaço,

Essa realidade também poderia ser diferente para homens e mulheres, destacando as assimetrias de gênero que marcam as relações familiares e também o mercado de trabalho. Embora a literatura se concentre em destacar aspectos como a maior exposição das mulheres à

violência doméstica devido à quarentena, no contexto de trabalho é legítimo considerar que as mulheres podem ficar ainda mais sobrecarregadas nesse ambiente.

As diversas adaptações para o teletrabalho no contexto dos profissionais da educação podem promover sofrimento emocional, derivado tanto das vivências de isolamento e distanciamento social quanto da sobrecarga de trabalho decorrente da necessidade de manutenção das atividades laborais em regime de teletrabalho. Dessa forma, essas condições podem expor os professores a riscos que podem afetar sua saúde mental durante a pandemia, impondo-lhes a necessidade de desenvolver habilidades e competências para conseguir lidar com problemas relacionados à sua saúde mental nesse período.

Dessa forma, considera-se que devem ser desenvolvidos mecanismos para reduzir os riscos ocupacionais durante o teletrabalho, bem como estratégias de enfrentamento voltadas para a prevenção de doenças. Nesta perspectiva,

No cenário da pandemia, esses profissionais tiveram que se deparar com novos desafios. Portanto, não basta falar sobre o teletrabalho realizado pelos professores, mas é preciso fazer referência ao contexto em que a maioria deles se insere durante esse tipo de trabalho.

A exposição aos riscos torna-se sistêmica, de modo que aumentam as chances de encontrar professores expostos e sujeitos ao aparecimento de sintomas psicopatológicos causados por elementos do trabalho como estresse e síndrome de burnout. Burnout significa perder a energia, representa o reflexo do trabalho como forma de desprazer (LOPES & PONTES, 2009).

2. Desafios durante COVID-19

Foram vários os desafios que os professores tiveram diante da pandemia do COVID-19, a maioria declarou que suas ações estavam voltadas não apenas para a parte acadêmica, mas também para a emocional (CASIMIRO et al., 2020). Estudantes, docentes e suas famílias, sofreram fortemente os impactos das medidas que foram implantadas com as atividades não presenciais. (DA SILVA ALMEIDA; DA SILVA SANSES & DA ROCHA, 2022).

Os professores, estando na linha de frente com seus alunos, provavelmente não foram treinados para responder a ameaças ao bem-estar emocional de seus alunos, pois eles próprios poderiam vivenciar situações de estresse e ansiedade. Além disso, os planos progressivos de retorno às aulas exigiram ainda mais trabalho docente, pois deveriam estar mais receptivos às novas necessidades de aprendizagem e implementar técnicas pedagógicas que permitam fechar lacunas educacionais.

A grande maioria dos esforços docentes foram direcionados para a aquisição de competências tecnológicas, adaptação do ambiente familiar às suas atividades de trabalho e modificação das atividades de ensino a distância. Eles foram forçados a combinar sua própria

gestão emocional e o uso adequado de ferramentas para fins educacionais (SCORSOLINI-COMIN, 2020).

Uma das fragilidades da aprendizagem *online* é a perda do contato físico entre as pessoas, outro desafio para os professores, que tiveram que criar estratégias para transformar essas situações em oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

Além disso, o esgotamento do professor poderia aumentar se o comportamento do aluno for afetado após a pandemia, com problemas de atenção e socialização. Com isso, a qualidade da educação foi afetada, pois alguns professores sofreram cortes salariais ou atrasos nos pagamentos, como ocorreu em diversos municípios do Brasil.

Alguns professores perceberam que sua privacidade foi violada, tendo que compartilhar informações pessoais como seus números de contato para a comunidade educacional. O confinamento significou muitas e mais longas jornadas de trabalho, já que praticamente o dia todo estavam realizando atividades laborais, sem um claro discernimento dos horários de início ou término diário (DAYAL e TIKO, 2020).

No entanto, e paradoxalmente, a pandemia também motivou alguns professores a estarem mais comprometidos com o seu trabalho acadêmico. E alguns até perceberam que a situação lhes permitiu passar mais tempo com suas famílias, maior conforto e menores gastos com viagens.

Pesquisas sobre as reações psicológicas decorrentes da pandemia têm sugerido que alguns fatores intervêm na vulnerabilidade de algumas pessoas, entre eles a tolerância à incerteza, a autopercepção da suscetibilidade à doença e a ansiedade.

Fatores como o sexo feminino, pessoas com sintomas de COVID-19, desinformação, isolamento social, baixa escolaridade, desemprego ou pessoas que tiveram que parar de trabalhar relataram maiores efeitos psicológicos e parecem estar associados a níveis mais altos de ansiedade e depressão. A pesquisa genéricas determinaram que as mulheres jovens são um grupo vulnerável a sofrer consequências para sua saúde mental como resultado da pandemia, já que muitas mulheres trabalhadoras também são responsáveis por cuidar de suas casas.

Portanto, o fechamento das escolas aumentou sua mão de obra, o que pode reduziu substancialmente seu desempenho profissional, manter seu emprego, limitar suas oportunidades de emprego e afetar sua situação financeira. Além disso, foi registrado que os níveis de violência doméstica contra as mulheres aumentaram em tempos de crise e quarentena (GILBERT, 2020).

Várias literaturas têm considerado que os mais jovens podem ser um grupo vulnerável a sequelas psicológicas de situações críticas; enquanto os idosos podem apresentar fator de proteção, o que pode ser explicado pela maior experiência de vida e por terem enfrentado situações de desastre anteriormente.

Sentimentos como medo, frustração e raiva, e seus efeitos podem durar muito tempo. Além disso, essas emoções podem aumentar problemas como ansiedade, estresse e depressão. No caso particular dos professores, o ambiente social em transformação, as variações metodológicas e pedagógicas pelas quais a educação vem passando e as novas dinâmicas de ensino-aprendizagem tornaram o trabalho docente intenso, transbordando seu tempo e vida pessoal.

A necessidade de treinamento contínuo predispõe as pessoas ao abandono de atividades de lazer, esportes e outras que reduzem o estresse. Devido à alta carga de trabalho docente, os professores ficaram expostos à Síndrome de *Burnout* ou Síndrome do Desgaste Profissional, caracterizada por um conjunto de sinais e sintomas como resposta ao estresse crônico, dentre estes temos: Sintomas físicos (astenia, cefaleia, mialgia, distúrbios do sono, hipertensão, problemas gastrointestinais, náuseas, taquicardia); Sintomas comportamentais (inflexibilidade, rigidez, isolamento, *déficit* de atenção, agressividade, incapacidade de se relacionar com os outros); Sintomas emocionais (irritabilidade, impaciência, ansiedade, desorientação, hostilidade); Sintomas cognitivos (fracasso profissional, baixa autoestima, baixa realização no trabalho).

Os efeitos da Síndrome de *Burnout* em professores envolveu um absentéismo, abandono do trabalho e deterioração de sua atividade acadêmica. A resposta do indivíduo a situações de emergência deram o tom para as ações que as instituições deveriam executar, considerando individualidades, costumes e relações familiares e sociais. Foi necessário conhecer as perdas do indivíduo sofridas durante a pandemia. As perdas familiares geraram grande impacto emocional, principalmente se foram membros do núcleo familiar ou de proximidade, alterando sua estabilidade e dinâmica.

As perdas econômicas trouxeram incertezas por não saber se os recursos que estariam disponíveis para sustentar o lar, predispondo a família a gerar mudanças de rotina e hábitos de vida (MUNIZ, 2020).

A alteração do cotidiano afetou as relações com o meio, causando desorganização, inquietação e desequilíbrio. A perda da liberdade de movimentos, consequência do confinamento, gerou sofrimento significativo.

A UNICEF (2020) estabeleceu um esquema de intervenção em saúde mental e apoio psicossocial, assentado e em quatro pilares: 1. Cuidados especializado. Atendimento especializado em saúde mental por profissionais capacitados; 2. Cuidado focado. Atenção à saúde mental por faixa etária (crianças, adolescentes, adultos, idosos); 3. Apoio familiar e comunitário; 4. Aspectos de segurança e serviços básicos que garantissem a dignidade e o bem-estar da comunidade educativa.

3. Saúde/doença docente: abordagens a partir de pesquisas

Em termos gerais, saúde refere-se ao "estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de afecções ou doenças (...) [constitui] um dos direitos fundamentais de todo ser humano" (OMS, 2019)

Três pontos-chave são reconhecidos nesta definição: a condição de bem-estar, o equilíbrio entre o físico, o mental e o social e o papel do contexto. Dessa forma, o estado de saúde/doença depende tanto de fatores biológicos quanto de aspectos ambientais, psicológicos e sociais; Assim, assume-se que o binômio saúde/doença é um processo que precisa ser explicado em sua determinação social e histórica.

De acordo com as evidências, o COVID-19 afetou a vida dos professores de várias maneiras, especialmente sua saúde física, mental e social. A soma dos fatores externos (aumento da mortalidade, incerteza, problemas econômicos, imposição da modalidade virtual, sobrecarga de trabalho, extensão da jornada, desqualificação do trabalho pelo pessoal da direção, falta de contato pessoal, contextos de forte desigualdade e precárias condições materiais de trabalho), ou internos (sentimentos de indignação, falta de conectividade, fraca organização do tempo, condições espaciais e distrações de casa), entre outros, causaram mudanças significativas na vida docente na forma de bem-estar/desconforto. O excesso de trabalho implicou em maior tempo para cumprir os compromissos de trabalho a partir de casa, o que levou ao aumento da fadiga crônica, redução do descanso durante a jornada de trabalho e dependência de terceiros.

Esta intensificação do trabalho docente constitui uma das formas mais tangíveis através das quais os educadores são degradados na sua condição profissional e social. O COVID-19 interrompeu não apenas os aspectos biofisiológicos do não apenas suas biografias (escritos sociais onde o social se faz carne incorporando estados de sensibilidades nos corpos/emoções) (GANÁN et al., 2020).

Com a pandemia, a saúde física do corpo docente piorou. O corpo, como condição material de existência, encarnava a dor e a doença. Antes da chegada do COVID-19, problemas de saúde/doença associados a demandas ergonômicas e condições crônicas estavam presentes na vida de professores latino-americanos, como resultado de estilos de vida sedentários, falta de tempo e espaços para uma alimentação saudável.

Após a pandemia, as doenças ergonômicas se agravaram o que aumentou a fadiga ocular e a prevalência, intensidade e frequência de problemas musculoesqueléticos na forma de dor no pescoço, costas, região lombar e articulações do quadril (TRINITY, 2021).

Mas a COVID-19 não afetou apenas os corpos dos professores, mas também as suas emoções. Em pleno confinamento, o ensino desenvolveu-se em um coquetel de ações e emoções da profunda incerteza, consequência de não saber como a pandemia iria progredir, de não saber

se nós ou nossos entes queridos seríamos vítimas da infecção e suas complicações, da ausência de vacina e tratamento específico, e da incerteza de quando voltaríamos às nossas atividades diárias.

Em relação à saúde mental, Kayabınar et al. (2020), tomando como referência um grupo de professores do ensino fundamental e médio em São Paulo, constataram que independentemente de os professores lecionarem *online* ou não, a pandemia em si poderia aumentar os níveis de ansiedade e depressão diante do medo de adoecer ou morrer.

Nesta linha, vários estudos mostram que níveis elevados de *stress*, angústia e ansiedade, depressão, tristeza, cansaço, redução da concentração, falta de motivação, distúrbios ou perturbações do sono, ataques de pânico, medo de adoecer, perda do emprego e preocupações relacionadas com a vida profissional os deveres afetaram consideravelmente a saúde mental dos professores. Para Gañán et al. (2020, p. 3), com base no estudo realizado com professores universitários em Belo Horizonte trata-se do tecnoestresse do trabalho, entendido como o “estado psicológico negativo que está relacionado à percepção de um descompasso entre as demandas e os recursos relacionados ao uso das TICs”.

No caso dos professores da América Latina, as evidências indicam um baixo estado emocional, resultado do aumento significativo dos níveis de estresse, ansiedade e angústia (CASIMIRO et al., 2020).

4. Implicações da pandemia de COVID-19 na saúde do professor

Neste ponto, destaca-se a situação das professoras que no Brasil, na Itália, na Espanha e na Grécia tiveram uma maior incidência. No caso do ensino secundário o, as mulheres na faixa etária de 44 a 54 anos correram maior risco, dada a dupla tarefa que desempenham: por um lado, o trabalho remoto e, por outro, o cuidado da casa (ROJAS et al., 2020).

No contexto italiano, a COVID-19 e as medidas de saúde pública resultaram em um impacto negativo na saúde mental das professoras que apresentaram maior risco de desenvolver sintomas de estresse, ansiedade e depressão.

Esta descoberta é fundamental para o Brasil, onde as mulheres representam 86,8% dos professores no ensino pré-escolar, 64,4% no ensino básico e 53,5% no ensino secundário. Paradoxalmente, Prada et al. (2021) concluíram que professores tendem a sofrer maiores sinais de depressão, possivelmente devido a mudanças bruscas no estilo de vida. Por sua vez, Ozamiz-Etxebarria et al. (2021a) constataram um aumento dos níveis de ansiedade, depressão e stress entre os professores, sobretudo nos idosos, no ensino pré-escolar e primário, bem como naqueles com instabilidade laboral.

No quadro da crise da COVID-19, os professores com nomeações interinas ou provisórias, com contratos temporários, nas figuras de professores substitutos e pessoal de apoio educativo, tiveram receio de rescisão dos seus contratos e a perda do seu salário. Nessa linha,

preservar o emprego e os salários constitui uma das recomendações da UNESCO (2020) para os Estados, entretanto,

Essa crise não poderia ser pretexto para deixar os direitos trabalhistas de lado. Os governos e todos os provedores de educação, públicos e privados, deveriam trabalhar para preservar todo o pessoal educacional, seus salários e benefícios, o que no Brasil foi realizado a contento.

4.1. COVID 19. Implicações na vida docente

Antes da chegada do COVID-19, o trabalho docente entrou em convulsão. A partir de março de 2020, o ensino assumiu as características do teletrabalho, que se caracteriza pela extensão da jornada de trabalho, a domínio de novas habilidades e falta de contato físico (KAYABINAR et al., 2020).

Tratou-se de tão somente trabalhar em casa na forma de teletrabalho porque implicou a utilização das TIC para a realização da distância de aspetos centrais do trabalho, que se realiza no domicílio dos trabalhadores e se inicia sem a vontade expressa das partes envolvidas (trabalhadores ou empregadores).

Os primeiros efeitos da pandemia foram mostrados na esfera pessoal e familiar. No âmbito pessoal, o corpo docente precisou modificar seu estilo de vida habitual, a rotina diária, o orçamento — reorganizado para a compra de equipamentos de informática e planos de serviços de Internet —, o espaço íntimo — antes dedicado ao descanso e relaxamento virou escritório; enquanto, no seio familiar, os docentes aludiram a uma alteração de temperamento/corrosão de carácter, bem como a dificuldades em conciliar o tempo dedicado às responsabilidades domésticas e de cuidado, revelando a deterioração do equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal dos docentes durante confinamento.

Dessa forma, a saúde/doença do corpo docente estava diretamente ligada à imagem corporal, que aludia às possibilidades de apresentação social da pessoa e ao reconhecimento social da união; com o corpo-pele, que se refere ao potencial de se experienciar/se no mundo; e com o movimento corporal, que aponta para as capacidades de mover/fazer no mundo social para além do confinamento e da distância física.

No campo profissional, os professores desafiaram dificuldades de ordem logística, ligadas à gestão do tempo, horários das aulas, espaços físicos para o trabalho à distância; tecnologia, relacionados com o acesso à Internet, fornecimento de equipamentos de informática, conhecimento de plataformas educacionais; pedagógico, vinculado ao conhecimento de ferramentas didáticas virtuais, gestão de grupos a distância, avaliação remota de aprendizagem; e socioafetivo, relacionado a aspectos emocionais derivados de sentimentos de tristeza, frustração, ansiedade e cansaço. Além disso, os professores enfrentaram pressão e vigilância das autoridades

educacionais. A cultura escolar, as relações do serviço social, a liderança do diretor e a participação do professor nas decisões escolares apareceram como temas recorrentes nos estudos relacionados à saúde do professor (PRADA et al., 2021).

Na escola — como espaço de trabalho físico ou virtual —, o ensino se configurou em uma rede de interações (individuais, grupais, contextuais e sociais), hierárquicos e horizontais que denotam a complexidade do trabalho docente; nele se desenvolveram condições materiais e sociais que poderiam contribuir para o bem-estar/desconforto dos professores.

Assim, uma cultura escolar que promova relações sociais de participação social, cordialidade, proximidade e confiança entre os seus membros constitui fonte de satisfação profissional. Por outro lado, culturas institucionais restritivas, autoritárias e fiscalizadoras têm um impacto negativo na saúde mental dos professores (CASIMIRO et al., 2020).

Uma cultura escolar que promova relações sociais de participação social, cordialidade, proximidade e confiança entre os seus membros é fonte de satisfação no trabalho. Por outro lado, culturas institucionais restritivas, autoritárias e fiscalizadoras têm um impacto negativo na saúde mental dos professores.

Em tempos de pandemia, são pertinentes culturas escolares flexíveis e sensíveis com capacidade de gerar climas de trabalho que garantam a conquista de aprendizagens sem prejuízo da saúde mental dos docentes. Nesse sentido, destacam-se a liderança da equipe gestora e a capacidade das escolas de tomar decisões em períodos de emergência.

De acordo com o trabalho de Rojas et al. (2020), diante do COVID-19, os diretores escolares poderiam implementar estratégias para produzir melhorias nas práticas educativas, realizar ações para que os professores façam o seu próprio sentido de mudança, promover o trabalho colaborativo entre o coletivo, aproveitar as habilidades e competências do seu pessoal, entre outros; porém, os resultados de seu estudo mostraram que a gestão escolar não articulou os recursos materiais e humanos para o bom funcionamento da escola diante de uma emergência, gerando estresse e desgaste emocional entre os professores.

Trinity (2021) com base em uma amostra representativa de professores e líderes escolares dos Estados Unidos, concentrando a análise na tomada de decisões em tempos de crise, nas preocupações dos professores e nas prioridades dos diretores das escolas, bem como em suas consequências, representa uma nova linha de pesquisa que deve ser cultivada.

As respostas dos professores à imposição do teletrabalho docente foram diversas: de resistência; de resiliência, entendida como a capacidade de prosperar diante da adversidade; de adaptação, através de processos de familiarização e habituação face ao tecno-*stress* laboral; de lidar, por meio de diferentes estratégias de defesa (GAÑÁN et al., 2020).

Sobre este ponto, Dayal e Tiko (2020), encontraram atitudes positivas entre os professores. O otimismo, o compromisso com o corpo discente e a oportunidade de aprender foram fundamentais para administrar a crise de alguns professores que buscaram novas formas de ensinar, fazendo da pandemia uma possibilidade de fortalecer suas competências tecnológicas, comunicativas e socioemocionais.

Para Rojas et al. (2020) a COVID-19 representou uma oportunidade para reinventar a prática pedagógica dos professores. Na opinião do corpo discente do estado de São Paulo, um bom ensino em momentos de incerteza é aquele que se distingue por habilidades de comunicação, como escuta ativa, atitudes resilientes e inteligência emocional.

A recreação representa um componente chave na manutenção de uma boa saúde física e mental. Apesar da sua importância, as evidências indicam que os professores teriam adiado o uso do tempo livre normalmente dedicado ao descanso e diversão.

Antes da pandemia, os professores encontravam satisfação na leitura, nos passeios em família, nos encontros com amigos e na participação em cursos de desenvolvimento pessoal. O confinamento sanitário obrigou os professores a procurar novas formas de fazer face ao confinamento.

Para Ganán et al. (2020) as atividades recreativas tornaram-se estratégias de enfrentamento de dois tipos: individuais como dormir, ler, cozinhar e fazer exercícios; e coletivas, como espaços de formação de professores. Nesse caso, destacam-se as iniciativas geradas pelas próprias instituições destinadas a conter o desânimo, por exemplo, a capacitação em diversos temas.

A evidência internacional mostra que os professores tiveram implementado, por iniciativa própria, respostas rápidas e inovadoras à emergência de saúde, pelo que se recomenda capitalizar a sua experiência e capacidade no desenvolvimento de ações educativas contra a COVID-19.

As suas vozes constituem um ponto de referência central para avaliar o sucesso das ações implementadas em torno da avaliação das aprendizagens, do desenvolvimento curricular, do ajustamento dos calendários escolares e da pertinência das plataformas virtuais, entre outras. Ações para o bem-estar docente em momentos de emergência sanitária (DAYAL e TIKO, 2020).

Sucessivamente, as ações de política educativa e de saúde implicaram: a declaração do estado de emergência que resultou na suspensão das atividades presenciais e no encerramento das escolas; a implementação de estratégias de continuidade académica através da imposição do trabalho docente em casa, formação de professores na utilização das TIC, flexibilização do calendário escolar, alargamento do horário de trabalho e conceção de materiais educativos para garantir oportunidades de aprendizagem à distância; ou aumento do acesso à Internet e da disponibilidade de equipamentos informáticos.

No geral, a resposta do governo aos professores centrou-se na política de continuidade acadêmica por meio das TIC, o que teve dois efeitos imediatos: primeiro, afetou o trabalho docente: de repente, Os professores do mundo “foram obrigados a utilizar as TIC nas suas interações com autoridades, professores, adolescentes e famílias, e a fazê-lo a partir das suas casas com os seus próprios recursos tecnológicos, em tempos e espaços fora da escola”

Na experiência docente, as condições de apropriação diferencial e desigual dos bens comuns determinaram o sucesso dos programas de continuidade acadêmica e construíram/modelaram as inter-relações/correspondências entre corpos/emoções (KAYABINAR et al., 2020).

5. Considerações Finais

O trabalho permitiu, antes de tudo, identificar as principais linhas do debate acadêmico sobre as condições de saúde docente durante a pandemia a partir dos resultados de pesquisas recentes sobre o tema.

A soma de fatores externos e internos provocou mudanças na saúde/doença física e mental dos professores no cenário internacional. Por outro lado, o teletrabalho, como política educacional, desorganizou a vida pessoal, profissional e familiar dos professores.

Essas mudanças destacaram as dificuldades em conciliar a vida pessoal e profissional dos professores durante a pandemia, o papel fundamental dos gestores na construção de culturas escolares em prol do trabalho colaborativo e a riqueza da experiência docente em tempos de crise. Em relação às ações para o bem-estar dos professores, As evidências mostram uma diversidade de intervenções que podem ser consideradas no desenho de políticas docentes em prol de sua saúde integral em tempos de pandemia.

Apesar da relevância e relativo sucesso na redução dos níveis de stress, ansiedade e angústia, trata-se de iniciativas particulares, isoladas e focalizadas que dependem da vontade dos seus promotores e da disponibilidade de recursos financeiros e humanos que devem ser ponderados tendo em conta as características do as populações-alvo (com/sem conectividade, grandes cidades).

No âmbito das políticas de ensino, a saúde ocupou um lugar tangencial. Foi uma política do corpo legitimada pela sociedade que materializa a estruturação do poder. Estudos recentes sobre a saúde docente confirmam as formas de dominação sobre a profissão docente: a precarização das condições de trabalho e a desvalorização social da docência marcam a vivência corporal/emocional dos docentes.

Em plena pandemia, as marcas corporais são evidentes na saúde/doença física dos professores, enquanto a ausência de ações governamentais para o enfrentamento da saúde/doença mental define a construção de uma sensibilidade social ligada à apatia e evitação.

O confinamento — ao promover o distanciamento físico e limitar os laços sociais —, somado à precariedade do trabalho docente, promoveu a indiferença e impediu a construção de uma narrativa compartilhada diante das dificuldades da emergência sanitária; da mesma forma, dificultou o desenvolvimento das qualidades de lealdade, compromisso institucional, reciprocidade, cuidado, dependência e apoio mútuo.

Nesse sentido, o isolamento condena nossas capacidades sociais, confiabilidade e importância para os outros e, em última instância, a constância pessoal em que se sustenta o caráter, transformando pessoas frágeis e irascíveis. Excesso de peso — resultado de um estilo de vida sedentário e falta de atividade física —, cansaço e uma história recente de momentos de estresse e angústia, pois as marcas corporais são inscrições socialmente estabelecidas pelo processo de dominação em que [os professores] estão imersos.

Enquanto ensinar é um trabalho emocional, demonstra-se a necessidade de incorporar estratégias para abordar a saúde mental dos professores nas agendas das políticas educacionais, sobretudo porque a saúde é responsabilidade dos governos. Assim da análise conclui-se que os estudos sobre o ensino em tempos de pandemia incidem sobre as implicações da COVID-19 na saúde e no cotidiano dos professores, bem como estratégias de intervenção para o seu bem-estar físico e mental.

No entanto, tendo em vista que a saúde/doença é um fenômeno complexo e multifacetado, é preciso ampliar as pesquisas com uma perspectiva multiparadigmática e multidisciplinar que indague sobre a vivência dos professores em contextos de vulnerabilidade, sua participação no autocuidado iniciativas, sua incidência de acordo com as informações dos sistemas de saúde, o papel dos sindicatos.

Referências

CASIMIRO, W. H.; CASIMIRO, C. N.; BARBACHÁN, E. A.; CASIMIRO, J. F. **Estresse, angústia, ansiedade e resiliência de professores universitários diante da COVID-19.** *Utopia e práxis latino-americana*, 25(1), 453-464, 2020.

DA SILVA ALMEIDA, Ely; DA SILVA SANSES, Gilcélia; DA ROCHA, Rosenilda Sandra Fernandes. Juventude: Impacto da Covid-19 na Educação e as Estratégias para o Ensino não Presencial no Amapá. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 4, p. 74-89, 2022.

DAYAL, H. C.; TIKO, L. **Quando teremos a verdadeira escola?** Um estudo de caso das experiências de professores de educação infantil e cuidadora em torno da educação durante a pandemia de COVID-19. *Australasian Journal of Early Childhood*, 45(4), 336-347, 2020.

Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF. (15 de dezembro de 2020). **Os professores devem ter prioridade no berço contra o COVID-19.** UNICEF, 2020. Disponível em

<https://www.unicef.org/es/press-releases/teachers-must-have-priority-vaccination-against-covid19> Acesso em 15 de jun de 2023.

GAÑÁN, A.; CORREA, J. J.; OCHOA, S. A.; OREJUELA, J. J. **Tecnoestresse no trabalho derivado da virtualidade obrigatória para a prevenção do COVID-19 em professores universitários.** Trabalho (At) Dinner, 5(2), 1-23, 2020.

GILBERT, J. M. F. **Pandemia.** Índice de Enfermagem 2020;29: 5-6.

KAYABINAR, E.; KAYABINAR, B.; ÖNAL, B.; ZENGİN, H. Y.; KÖSE, N. **Os problemas musculoesqueléticos e o estado psicossocial de professores que ministram educação *online* durante a pandemia de COVID-19 e telereabilitação preventiva para problemas musculoesqueléticos.** Trabalho, 68(1), 33-43, 2020.

LOPES, Andressa Pereira; PONTES, Édél Alexandre Silva. Burnout Syndrome: a comparative study between teachers of state and private school systems. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 2, p. 275-281, 2009.

MUNIZ, C. F. **Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores da educação infantil.** Revista Espaços, 41(37), 2020.

Organização Mundial da Saúde, OMS. (2019). **Constituição. QUEM.** <https://www.who.emt/pt/sobre/quem-nós-somos/constituição>.

PRADA, R.; GAMBOA, A. A.; HERNÁNDEZ, C. A. **Efeitos depressivos do isolamento preventivo obrigatório associado à pandemia de COVID-19 em professores e alunos** Psicogent, 24(45), 1-20, 2021.

ROJAS, O.; MARTÍNEZ, M.; RIFFO, R. **Gestão gerencial e estresse laboral do profissional docente: um olhar a partir da pandemia de COVID-19.** Revista online de política e gestão educacional, 24(3), 1226-1241, 2020.

SCORSOLINI-COMIN, F. **Programa de mentoria com estudantes de enfermagem no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil.** Índice de Enfermagem 2020;29(1-2).

TRINITY, J. E. **quidade, engajamento e saúde: questões e prioridades organizacionais escolares durante a COVID-19.** Jornal de Administração Educacional e História, 53(1), 67-80, 2021.